



**A AVENIDA NIÉVSKI, DE GÓGOL:
UM ESTILO RUSSO DE SER MODERNO**

**GOGOL'S A AVENIDA NIÉVSKI:
A RUSSIAN STYLE TO BE MODERN**

Marcos Rogério Martins Costa¹
Patrícia Margarida Farias Coelho²
Irene Garcia-Medina³

RESUMO

Observando a necessidade de investigar o estilo russo com critérios mais consistentes, este estudo pretende, a partir da análise de um texto literário eslavo, investigar esse estilo, buscando compreender sua arquitetônica. Para tanto, optou-se por uma análise interdisciplinar, que reúne em seu olhar científico as propostas teórico-metodológicas da crítica formalista russa (EIKHENBUAM et alii; 1978), da análise do discurso de linha francesa (POSSENTI, 2002) e da perspectiva sociocultural de Berman (1983). O *corpus* é constituído por trechos da obra *A avenida Niévski*, de Gógol. Análise dessa obra contribuiu para elucidar alguns pontos da estilística de Gógol e demonstrar que, diferentemente do proposto por Buffon, o estilo não é *um homem* simplesmente, mas pelo menos *três unidades significantes e de significação*, podendo o trio ser: o autor, a obra e o sistema literário ou o autor, a obra e o leitor. Salienta-se, ainda, que o sistema literário circunda e perpassa tanto o autor, quanto a obra e que o leitor lê, simultaneamente, o autor, a obra e o sistema literário.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura russa. Estilo. Gógol.

ABSTRACT

Noting the need to investigate the Russian style with more consistent criteria, this study intends, from the analysis of a Slavic literary text, to investigate this style, seeking to understand its architecture. To this end, an interdisciplinary analysis was chosen, which brings together in its scientific view the theoretical-methodological proposals of the

¹ Doutor em Letras pela Universidade de São Paulo. Professor permanente da Faculdade Unificada do Estado de São Paulo, Brasil. E-mail marcosrmcosta15@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4627-9989>

² Doutora em Semiótica e Comunicação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Professora titular da Universidade Metodista de São Paulo e da Universidade Ibirapuera, Brasil. E-mail: patriciafariascoelho@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1662-1173>

³ Doutora em Relações Internacionais pela Universidade de Viena-Viena (Áustria) e Doutora em Marketing pela University of Nice Sophia Antipolis (UNS) - Nice (França). Professora titular de Marketing no Departamento de Gestão de Negócios da Universidade Caledônia de Glasgow (GCU), Reino Unido. E-mail: irene.garcia2@gcu.ac.uk ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-4424-3357>

Russian formalist critique (EIKHENBUAM et alii; 1978), the analysis of the French discourse (POSSENTI, 2002) and the sociocultural perspective. de Berman (1983). The corpus consists of excerpts from Gogol's *avenue Niévski*. Analysis of this work contributed to elucidate some points of Gogol's stylistics and to demonstrate that, unlike Buffon's proposal, style is not simply a man, but at least three significant and meaningful units, the trio being: the author, the work and the literary system or the author, the work and the reader. It is also emphasized that the literary system surrounds and pervades both the author and the work, and that the reader simultaneously reads the author, the work and the literary system.

KEYWORDS: Russian literature. Style. Gogol.

INTRODUÇÃO

“O estilo é o homem”
Buffon

“Para reconhecer um estilo, o olhar analítico identificará a recorrência do que é dito, circunscrita a um fato formal, que supõe a constância de uma estrutura”
Norma Discini

Na promoção da literária da Rússia, difundiu-se que os seus literatos constituíam uma forma estilística própria (cf. NABOKOV, 2009) – em alguns casos, classificada como incomum (cf. VOGÜÉ, 1888). Considerando esse fato, surge a questão: o que é o estilo russo? Será o *algo-mais* acrescido à expressão corrente da língua, que só é possível devido à magnificência do russo como supõe Mikhail Lomonosov, em sua *Gramática Russa (Rossiyskaya grammatika, 1755)*? Será o belo e o raro desviantes de uma norma como sugere Paulo Chostakowsky, em sua *História da Literatura Russa*?

Propostas como essas se basearam em um princípio de exclusão a partir de um procedimento comparativo, isto é, cotejando a obra do artista com a norma vigente, os críticos possuem duas avaliações no concernente ao estilo: tem estilo porque se adéqua (concepção de Lomonosov) ou tem estilo porque desvia (concepção de Chostakowsky). Os restantes, aqueles que não são primorosos na língua e/ou altamente inventivos nela são excluídos do panteão literário. Dessa forma, nota-se que os critérios são extrínsecos e não intrínsecos aos textos. O que demonstra uma lacuna nesse tipo de crítica literária, posto que a obra em si, bem como os índices de autoria de seu escritor não são considerados.

Observando a necessidade de investigar o estilo russo com critérios mais consistentes, esse estudo pretende, a partir da análise de um texto literário eslavo, investigar esse estilo, buscando compreender sua arquitetura. Para tanto, optou-se por uma análise interdisciplinar, que reúne em seu olhar científico as propostas teórico-metodológicas da crítica formalista russa (EIKHENBUAM et alii; 1978), da análise do discurso de linha francesa (POSSENTI, 2002) e da perspectiva sociocultural de Berman (1983), e como *corpus* o texto gogoliano *A avenida Niévski*.

Além disso, salienta-se outra lacuna da crítica literária, que também justifica o intento desse estudo. Críticos, como Nabokov (2009)⁴, começam seus ensaios descrevendo psicologicamente o perfil do autor do texto em análise – *exemplum gratia*: “Gógol era un ser extraño, pero el genio es extraño siempre” (NABOKOV, 2009, p.126). A vida do escritor também é alvo de interesse:

O escritor nasceu em 20 de março em Sorotchintsy, província de Peitava, na Ucrânia. Seu pai, Vassíli A. Gógol-lanóvski, funcionário aposentado e pequeno proprietário de terras, tem grande amor pela música e literatura, e é autor de várias peças cômicas. A mãe, Maria Ivánova, que se casara muito jovem, é extremamente religiosa. A família reside no campo, em Vssilievka. Nikolai é o mais velho dos seis filhos do casa1 (CAVALIERE, 2009, p. 36).

A especulação biográfica não vai ser explorada neste estudo. Retomamos esses traços apenas para salientar que, em alguns casos, a crítica literária se valeu da biografia do escritor Gógol para entender seu fenômeno artístico. Este estudo vai na contramão dessa proposta. Nosso intuito é outro. Queremos entender a obra e suas relações sociais a partir dos traços sêmicos e efeitos de sentido construídos *no e pelo* texto.

Sem fazer isso, poderíamos, a nosso ver, diluir a pesquisa no psicologismo ora biografizante, ora dogmático, que o crítico delineia sobre a tinta do escritor, que antes de ser reconhecida pela pena, é apontada pelos traços do rosto de seu escritor ou as ações de suas mãos – estas, por sua vez, em muitos casos, não se circunscrevem ao ato de escrever. Por essa conjuntura, que Tynianov e Jakobson (1978, p.95) dizem que:

⁴ Essa não é uma crítica a toda a obra de Nabokov, nem mesmo propriamente ao crítico em si, mas, sim, a alguns pontos da obra desse autor, os quais oscilam entre dois eixos: a análise engenhosa e o intuitivismo superficial.

Os problemas imediatos da ciência literária e linguística na Rússia necessitam ser postos numa base teórica estável; exigem que abandonemos definitivamente as montagens mecânicas cada vez mais freqüentes que reúnem os procedimentos da nova metodologia e os do velho método estéril, que introduzem hipocritamente o psicologismo ingênuo e outras velharias sob uma nova terminologia.

Portanto, esta análise, não pretende ser um estudo exaustivo das estruturas mínimas ou máximas do texto gogoliano – nem de seu autor-homem –, mas antes compreender *no* e *pelo* texto as oscilações de sentido as quais conduzem o leitor ao reconhecimento da identidade do estilo do autor russo, quanto da obra russa. Daí esse ensaio se intitular *Gógol: um estilo russo de ser*, posto que “um certo estilo não é incompatível com a assunção – necessária – de que o sujeito sempre enuncia de posições historicamente dadas num aparelho discursivo institucionalizado e prévio” (POSSENTI, 2002, p. 115). Desse modo, os objetivos dessa investigação estilística são: (i) investigar a matéria russa que permeia e constitui o estilo gogoliano e (ii) desvelar quais são os principais índices autorais desse estilo perceptíveis na obra em análise.

Como método para esse intento, na primeira parte, estudar-se-á os elementos socioculturais russos que envolvem e permeiam o texto gogoliano, a partir da perspectiva de Berman (1983) – procedimento para responder o objetivo (i). Na segunda, observar-se-ão as unidades textuais da trama narrativa de *A Avenida Niévski*, perscrutando nesta os índices de autoria, segundo a proposta de Possenti (2002) – esse é o subsídio teórico e metodológico proposto para responder o objetivo (ii).

1. A AVENIDA NIÉSKI: UM MICROCOSMO DA RÚSSIA PETERSBURGUESA

Gógol (1981, p.3) diz que “a Avenida Niévski é a comunicação obrigatória de todos, em Petersburgo”. Essa afirmação gogoliana torna-se mais clara à luz do estudo de Berman (1983), no qual este autor comenta que essa avenida era um local onde o eixo da modernidade podia se constituir, ou seja, onde o Estado ainda não tinha exercido seu poder de entorpecimento.

Nessa perspectiva sociocultural, compreende-se que Niévski era uma avenida moderna, cosmopolita, vitrine das novidades do mundo moderno. Lá as ideias fluíam e era possível ver discussões de importantes temas. Lá chegavam jóias, roupas e mobílias

em suas inúmeras lojas, e com estes as ideias do ocidente e suas polêmicas. Os letrados eram bilíngues ou escritos somente em francês ou inglês. Enfim, era um refúgio da São Petersburgo de Nicolau II, um local onde todas as classes sociais se reuniam. E será justamente na Niévski o palco de acontecimentos que mudaram processualmente a história russa, pois lá o povo passou a acordar de seu silêncio e a se articular. O poder da palavra volta a dotar os russos. Os ecos do Estado são fracos na Niévski, embora ainda presentes e vigilantes. É nesse lugar limítrofe entre oriente e ocidente que o povo russo reforçou sua consciência de classe e conseguiu efetivamente produzir mudanças, segundo o prisma de Berman (1983).

Devido à importância no panorama russo, a avenida galga posição icônica na história da literatura russa. Alguns exemplos de obras que têm como tema a vivência do sujeito moderno nas cidades e nas ruas, principalmente na Avenida Niévski, são: *O Cavaleiro de Bronze*, de Púchkin (1833); *A Avenida Niévski*, de Gógol (1835) – foco desta análise –; *Que fazer?*, de Chernyshevski (1863); *Memórias do Subsolo*, de Fiódor Dostoiévski (1864), dentre outros escritos russos.

Cada uma dessas obras traça um período de São Petersburgo, pontuando o seu momento histórico e trazendo, para seus leitores, os ideais e valores mais íntimos que polemizavam ou convergiam no seio de sua criação, no entanto, formam, juntos, um sistema sincrônico da representação de São Petersburgo, em específico da Avenida Niévski. Isso porque, embora a estética literária não seja imitação da realidade⁵, ela está intrinsecamente enlaçada ao sistema literário em que se engendrou. Por isso, não se deve confundir a noção de época com a de sistema sincrônico, posto que, como explicam Tynianov e Jakobson, (1978, p.96, grifos nossos):

A noção de sistema sincrônico literário não coincide com a noção ingênua de época, pois é constituído não somente por obras de arte próximas no tempo, mas também por obras atraídas para o sistema e provenientes de literaturas estrangeiras ou de épocas anteriores. Não é suficiente catalogar os fenômenos coexistentes, dando-lhes direitos iguais; o que importa é a sua significação hierárquica para uma época dada.

Assim sendo, depreende-se que *A Avenida Niévski*, de Gógol não é um elemento isolado, nem estrutura singular e única, mas, antes, unidade de um sistema

⁵ Como Aristóteles, na *Poética*, nos alerta os textos não são cópias do mundo natural, antes criam uma verossimilhança, que possui sua própria organicidade, a qual pode ou não se assemelhar com a vivenciada no mundo natural.

sincrônico literário que se construiu por meio de fios discursivos que já estavam presentes na sociedade russa. Portanto, aqueles critérios de estilística de adequação ou desvio à norma gramatical ou de língua(gem) são juízos críticos secundários, uma vez que se compreende esse sistema literário como discursos que permeiam, constituem e legitimam o *fazer literário*.

Com efeito, essa obra de Gógol é russa por excelência, não porque retrata um *locus* russo, mas porque se insere dentro da trama dos discursos e textos ali presentes. O que se ratifica pelo próprio relato do autor, quando, em uma carta a Púchkin, solicita *assunto puramente russo* para desenvolver uma comédia:

Numa carta a Pushkin, em 1835, Gogol escreve: “Faça-me o favor de me dar algum assunto seja ele divertido ou não, uma anedota puramente russa... Faça-me este favor, dê-me um assunto, eu lhe farei em três tempos uma comédia em cinco atos, e ela será, juro-lhe, das mais cômicas” (EIKHENBAUM, 1978, p.228, grifo nosso)

Por conseguinte, observa-se que, com esse estudo – embora não exaustivo –, conseguiu-se apreender que os elementos socioculturais, no caso o significado da Avenida Niévski para o povo russo e seus desdobramentos literários, servem como índices que a obra gogoliana está inserida em um sistema literário constitutivo do contexto sócio-histórico russo.

Verificado esse fato pelos arredores discursivos da obra, buscar-se-ão, no próximo tópico, elementos intrínsecos na estrutura narrativa de *A Avenida Niévski* que asseverem esse sistema literário. Corroborando, desse modo, com a afirmação dos índices de autoria de um estilo russo de ser, que, complementarmente, são traços de identidade de Gógol e rastros discursivos de seu tempo-espço.

2. A AVENIDA NIÉVSKI E SUAS INTER-RELAÇÕES LITERÁRIAS: DE GÓGOL A DOSTOIÉVSKI

A modernidade é um termo que cada vez mais escapa entre os dedos daqueles que tentam defini-la. Entre as diversas e distintas definições desse conceito e em (des)construção, remetemos ao estudo de Berman (1983), pois segundo este estudioso a modernidade constitui “um tipo de experiência vital, de tempo e espaço, de si mesmo e dos outros, das possibilidades e perigos da vida – que é compartilhada por homens e

mulheres em todo o mundo, hoje” (BERMAN, 1983, p. 24). O pensador aprofunda essa noção, ao entender que ser moderno é:

encontrar-se em um ambiente que promete aventura, poder, alegria, crescimento, autotransformação e transformação das coisas ao redor – mas ao mesmo tempo ameaça destruir tudo o que temos, tudo o que sabemos, tudo o que somos. [...] ela nos despeja a todos num turbilhão de permanente desintegração e mudança, de luta e contradição, de ambigüidade e angústia (BERMAN, 1983, p. 205).

Compreendendo essa concepção bermaniana, Seckler (2008) propõe resignificarmos o que é a rua à luz das nuances modernistas:

Dentre os elementos que caracterizam a modernidade, pode-se destacar o espaço urbano, que ganha uma nova forma e significado, e a rua, tida como espaço paradigmático da modernidade. A rua deixa de ser apenas um espaço de circulação de veículos e pessoas. Com as novas configurações que assume na modernidade, a rua torna-se um lugar aonde as pessoas vão para “ver e ser vistas”; a rua deixa de ser apenas um local de trânsito e passa a ser um lugar de relacionamentos sociais. Com a modernidade, surgem os grandes bulevares parisienses, as avenidas com atrativas vitrines, lojas e cafés; a evolução na iluminação pública, com os lampiões a gás e, posteriormente, os lampiões elétricos, o que gera a possibilidade de maior movimentação de pessoas à noite. Todas essas mudanças ocasionam uma nova forma de os sujeitos encararem a rua e novas motivações para frequentá-la, mas, ao mesmo tempo, causam fascínio e desconfiança, sentimentos presentes na obra de muitos escritores modernos (SECKLER, 2008, p. 3).

Dentre as ruas que estão na literatura russa, a mais famosa é a Avenida Niévski. Ela é um ícone que se espalha de diversas maneiras, de Gógol a Dostoiévski, não há autor dito *moderno* que por essa avenida não tenha se encantado ou amargurado. Seckler (2008) acompanha esse pensamento:

Nas ruas de São Petersburgo, particularmente na avenida principal, a Avenida Niévski, o protagonista sairá do seu subterrâneo e viverá na prática o confronto com outras pessoas e consigo mesmo, com sua autoimagem medíocre e sua extrema vaidade. A rua tem seu significado na medida em que é o espaço onde o caráter contraditório do protagonista, representado nos devaneios e diatribes da primeira parte, se exterioriza. Neste espaço, são narrados eventos importantes para entender a relação do protagonista, enquanto sujeito na época moderna, com a sociedade em que está inserido. Este trabalho tem como objetivo analisar o personagem “homem do subsolo” e seu comportamento nas ruas de São Petersburgo, bem como verificar qual é a importância da representação da rua no romance *Memórias do Subsolo*, tendo em vista sua caracterização como espaço típico da modernidade e sua relação com o protagonista (Seckler, 2008, p. 2).

Berman (1983) traz algumas razões para esse encantamento por trás da Avenida Niévski na literatura russa:

em primeiro lugar, a retidão, a largura, o comprimento e a boa pavimentação fizeram dele [o projeto Niévski] o meio ideal para a locomoção de pessoas e coisas, uma artéria perfeita para os modos emergentes de tráfego rápido e pesado. Como os bulevares que Haussmann abriu por toda Paris na década de 1860, ele serviu como ponto de convergência de forças humanas e material recentemente acumulado: macadame e asfalto, luz a gás e elétrica, a ferrovia, bondes elétricos e automóveis, cinema e demonstração de massa. Mas, porque foi bem planejada e projetada, a Nevksi entrou em ação uma geração antes de suas correlatas parisienses e funcionou bem mais suavemente, sem devastar vidas ou vizinhanças antigas (BERMAN, 1983, p. 228)

Podemos, assim, compreender que o deslumbre literário que Gógol manifestou por esse espaço urbano não foi aleatório ou casual. Há algo na avenida Niévski que a torna única entre tantas ruelas e vielas próprias daquele espaço borbulhante de São Petersburgo naquele período histórico.

Há para Berman (1983) um projeto na Avenida Niévski. Esse projeto é deslindado como “um moderno espaço público que oferece uma fascinante promessa de liberdade; e, no momento, para o funcionário pobre da rua, as configurações de casta da Rússia feudal são mais rígidas e humilhantes do que nunca”. Para Seckler (2008), esse espaço urbano é paradoxal, porque carrega traços sociais de diferentes classes. A autora faz a seguinte explanação a partir do protagonista da obra dostoiévskiana *Memórias do Subsolo*:

A Avenida Niévski carregava o paradoxo de ser um lugar moderno, onde as pessoas de todas as classes teriam liberdade e igualdade de condições de circular; porém, ao mesmo tempo em que se propunha ser um lugar público, ainda vigoravam as leis da sociedade de castas, leis que a modernidade ainda não tivera forças para modificar. Portanto, a rua revela-se um lugar das contradições que abalam a vida do personagem, pois o lugar que seria o palco de sua afirmação como sujeito, o lugar em que ele se exporia e entraria em contato com outras pessoas, acaba se tornando um meio que o faz se sentir ‘apagado’ perante estas pessoas. A liberdade que a avenida prometia converte-se, na prática, em opressão e sofrimento (SECKLER, 2008, p. 8).

Para ficar mais clara essa perspectiva da obra de Dostoiévski, retomamos um trecho:

Às vezes, nos dias feriados eu ia, depois das três, para a Avenida Niévski e ficava passeando ao lado do sol, isto é, não passeava absolutamente, mas

experimentava sofrimentos sem conta, humilhações e derrames de bÍlis; mas é provável que precisasse justamente disso. Esgueirava-me, como uma enguia, do modo mais feio, por entre os transeuntes, cedendo incessantemente caminho ora a generais, a oficiais da cavalaria ou dos hussardos, ora a senhoras; sentia, nesses momentos, dores convulsivas no meu coração e calor nas espáduas, à simples ideia da miséria do meu traje e da vulgaridade da minha deslizante figurinha. Era o cúmulo do suplício, uma humilhação incessante e insuportável, suscitada pelo pensamento, que se transformava numa sensação contínua e direta de que eu era uma mosca perante todo aquele mundo, mosca vil e desnecessária, mais inteligente, mais culta e mais nobre que todos os demais, está claro, mas uma mosca cedendo sem parar diante de todos, por todos humilhada e por todos ofendida. Para que recolhia em mim tal sofrimento, não sei; mas algo me arrastava para lá sempre que era possível (DOSTOIEVSKI, 2000, p. 66)

Como podemos observar, há nesse trecho uma luta de valores e valências. Valores no sentido mais amplo em que se dá um valor a um traje social, por exemplo. Valência no sentido mais específico em que se camufla uma ordem social a partir de um traje social. No valor, está uma objetividade sociológica. Na valência, existe uma percepção fenomenológica. Em ambas as noções, valor e valência, cabem um sentido mais amplo de ser e habitar o mundo que é explorado pelo protagonista de *Memórias do subsolo*. A partir dessas construções, podemos concordar com Bradbury (1990, p. 44), que diz: “de todos os romancistas do século XIX, Dostoiévski foi o que mais influenciou a literatura moderna, mas ele também representava algo de extremo no espírito moderno”.

Esse deslumbramento que brinca com os sentidos ocultos da Avenida Niévski também é explorado por Berman (1983). Esse estudioso faz a seguinte reflexão:

A Niévski é uma espécie de cenário, deslumbrando a população com artigos rutilantes, quase todos importados do Ocidente, mas ocultando uma perigosa falta de profundidade por detrás da fachada brilhante. A alta e a baixa nobreza ainda desempenham os papéis principais nessa capital imperial (BERMAN, 1983, p. 269).

Essa relação entre a rua e a construção da identidade é explorada pelo espírito literário russo no início do século XIX. As obras de Gógol e de Dostoiévski dão testemunho disso. O grande cenário dessa percepção é a Avenida Niévski que como demonstra Berman (1983) é o epicentro das transformações sociais daquele período, sendo um espaço de valores e valências, como apontamos.

3. O ESTILO GOGOLIANO: UM MODO DE DIZER RUSSO

Sobre a questão de como resgatar a autoria de um texto, Possenti (2002, p.116, grifo do autor) faz a seguinte proposta:

Trata-se, então de dar alguma objetividade à noção de autoria. A questão é como identificar a presença do autor – como encontrar autoria num texto, como distinguir textos *com* de textos *sem* autoria. De alguma forma, é necessário ter em mente o chamado paradigma indiciário (ver Guinzburg, 1986), para evitar a consideração automática de certas marcas como definidoras da presença ou da ausência de autoria. Em outras palavras, as marcas não são mais do que indícios de autoria. Como sempre, trata-se de avaliar os indícios.⁶

Então, como índices de autoria, sob um ponto de vista discursivo, o estudioso apresentou alguns elementos textuais característicos de um texto *com* autoria, dos quais se selecionou alguns, a saber: (a) densidade: caracterização mínima de objetos e lugares; (b) vida à personagem: conferir a seus atos um mínimo de motivação, de relação com elementos de cultura, de relação com outros discursos e crenças; (c) relação do texto com outros textos e garantia de historicidade às marcas do texto: fatos que apontam para uma trama textual composta por discursos correntes, que, por sua vez, são apostas do autor na capacidade de leitura de seu enunciatário-leitor; (d) papel do autor: dar voz a outros enunciadores e manter distância em relação ao próprio texto, introduzindo diferentes pontos de vista sem perder o próprio. Considerando a consistência da proposta de Possenti (2002), ressalta-se que esses índices serão os alvos desta análise em busca do estilo gogoliano.

Sobre esses índices, verifiquemos se a estrutura textual de Gógol, em *A Avenida Niévski*, demonstra, com densidade e eficiência, que não basta o texto satisfazer as exigências de ordem gramatical (convenção gramatical vigente) e textual (concisão e coerência), ele deve também trazer à tona um modo peculiar de dizer que remeta a um modo peculiar de ser. Como método para essa investigação, analisemos o primeiro parágrafo do conto:

Não há nada melhor do que a Avenida Niévski, pelo menos em Petersburgo, onde ela representa tudo. Mas o que não brilha nesta rua-beleza de nossa capital? Eu sei que os seus pálidos e burocráticos habitantes não trocariam nada deste mundo pela Avenida Niévski. Não apenas quem tem vinte e cinco anos, majestosos bigodes e uma sobrecasaca admiravelmente confeccionada, mas também aquele, em cuja barba despontam cabelos brancos e cuja cabeça é lisa como uma baixela de prata, sente-se extasiado com a Avenida Niévski.

⁶ A referência citada é: GUINZBERG, C. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: **Mitos, emblemas, sinais**. São Paulo: Companhia das Letras, 1986. p. 143-179.

E as damas! – Oh!, para as damas a Avenida Niévski é ainda mais agradável. E para quem ela não é agradável? Basta entrar na Avenida Niévski para sentir um cheiro de passeio. Mesmo que alguém tenha algum assunto importante e indispensável, é só aparecer por lá que todos os assuntos são realmente esquecidos (GÓGOL, 1981, p.3).

Examinemos, no trecho em destaque, os quatro índices de autoria apresentados:

- a) **Densidade:** a Avenida Niévski, além da localização definida “em São Petersburgo”, é descrita pelos habitantes que a atravessam, isso vai sendo reiterado a cada afirmação da importância da avenida pelo narrador-personagem e por parte dos outros transeuntes pressupostos (*o que tem vinte cinco anos, o de cabelos brancos, as damas, enfim todos os seus pálidos e burocráticos habitantes*). Além disso, a cada pergunta retórica, essa figura galga maior relevância, o que ratifica a densidade da figura e sua significação dentro desse discurso (“Mas o que não brilha nesta rua-beleza de nossa capital?”; “E para quem ela não é agradável?”).
- b) **Vida à personagem:** se a Avenida é descrita e ganha relevância pelo discurso de seus transeuntes, estes, por sua vez, são distinguidos dos demais por serem presenças daquele *locus*, mas não somente, posto que, nesse momento, o autor engenhosamente usa dos objetos e dos caracteres físicos desses sujeitos para diferenciá-los dos demais e também, de algum modo, nomeá-los (“os seus pálidos e burocráticos habitantes”; “Não apenas quem tem vinte e cinco anos, majestosos bigodes e uma sobrecasaca admiravelmente confeccionada, mas também aquele, em cuja barba despontam cabelos brancos e cuja cabeça é lisa como uma baixela de prata [...]”).
- c) **Relação do texto com outros textos e garantia de historicidade às marcas do texto:** essa relação é dada pela seleção de fatos que o narrador define como argumento para confirmar a relevância da Avenida. Por exemplo, ele cita que “mesmo que alguém tenha algum assunto importante e indispensável, é só aparecer por lá que todos os assuntos são realmente esquecidos”, isso traz a memória discursiva que aquele espaço é palco de grandes manifestações, sejam as de aspecto interpessoal, sejam as de caráter político. Com isso, o estilo gogoliano vai dialogar com essa memória, dizendo que esses assuntos serão esquecidos, visto a áurea desse célebre local – esse índice corrobora a nossa análise feita no tópico 1.
- d) **Papel do autor:** essa função é desempenhada com apuro e muita primazia por Gógol que por um procedimento narrativo se aproxima e se afasta durante a narração. Esse efeito pode ser apreendido se recortarmos o parágrafo, delimitando onde se impera mais a voz do narrador (VN) – numa aproximação, efeito de sentido de subjetividade – e onde se mostra mais evidente a voz de um outro (VO) – num

afastamento, efeito de sentido de objetividade. Observe esse jogo de vozes na segmentação abaixo:

Não há nada melhor do que a Avenida Niévski, pelo menos em Petersburgo, onde ela representa tudo [VO].

Mas o que não brilha nesta rua-beleza de nossa capital? Eu sei que os seus pálidos e burocráticos habitantes não trocariam nada deste mundo pela Avenida Niévski [VN].

Não apenas quem tem vinte e cinco anos, majestosos bigodes e uma sobrecasaca admiravelmente confeccionada, mas também aquele, em cuja barba despontam cabelos brancos e cuja cabeça é lisa como uma baixela de prata, sente-se extasiado com a Avenida Niévski [VO].

E as damas! – Oh!, para as damas a Avenida Niévski é ainda mais agradável. E para quem ela não é agradável? [VN]

Basta entrar na Avenida Niévski para sentir um cheiro de passeio. Mesmo que alguém tenha algum assunto importante e indispensável, é só aparecer por lá que todos os assuntos são realmente esquecidos [VO] (GÓGOL, 1981, p.3).

Considerados esses quatro índices, compreende-se que, de forma geral, eles são demonstrativos de uma marca autoral de Gógol, que constitui e legitima o texto e sua autoria. Isso ocorre, porque o autor russo estende esses recursos para todo o restante da obra. A imagem da Avenida continuará sendo construída por meio de seus transeuntes e esse modo de narrar e descrevê-la reverberará sobre esses sujeitos, que não possuindo, em sua maioria, nomes próprios, serão definidos por caracteres e/ou objetos que levam consigo. A relação entre os outros discursos permanece contribuindo nesse processo, uma vez que será este o recurso responsável pelo efeito de comicidade do texto gogoliano. Isso porque o cômico não é dito e sim pressuposto pelo trocadilho e/ou pela sintaxe do texto, como se apreende no trecho: “E para quem ela não é agradável? Basta entrar na Avenida Niévski para sentir um cheiro de passeio” (GÓGOL, 1981, p.3). A expressão *cheiro de passeio* é desencadeadora de múltiplos sentidos, como, por exemplo, o sentido de que há um atrativo sinestésico associado aquele local (ênfase no termo *cheiro*), ou aquele que evidencia a intencionalidade dos frequentadores daquele espaço: passear (destaque, então, para o termo *passeio*). Esse entrelaçar de sentidos gera um tom irônico, dentro da trama, o que, em *lato sensu*, acarreta o efeito humorístico. Além disso, o jogo de vozes orquestrado pelo autor é o que sustenta os outros índices

destacados, uma vez que lhes atribui valores e direciona o olhar do leitor, focalizando ou ampliando o escopo de observação dele.

Assim, por meio da análise de quatro índices de autoria, pode-se observar que, segundo os pressupostos sugeridos por Possenti (2002), o autor russo constitui e legitima, com eficiência e consistência, uma autoria e que esta se confirma *no e pelo* texto. Além disso, depreendeu-se que essa autoria se relaciona com os discursos daquela sociedade – o que ficou patente na manifestação do índice (c) –, confirmando, assim, os traços de um estilo russo de ser, o qual é apresentado por um modo peculiar de dizer – estratégias desenvolvidas na manifestação dos índices (a), (b) e (c).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a análise de *A Avenida Niévski*, buscou-se depreender *no e pelo* texto as oscilações de sentido as quais conduzem o leitor tanto ao reconhecimento da identidade de um autor russo, quanto de uma obra russa. Atribuiu-se, no caso analisado, esse reconhecimento a recorrência de um estilo gogoliano, que remete a um estilo russo de ser. Dessa maneira, objetivou-se: (i) investigar a matéria russa que permeia e constitui o estilo gogoliano e (ii) desvelar quais são os índices autorais principais desse estilo perceptíveis na obra em análise.

Para responder o objetivo (i), este estudo teve como método perscrutar os elementos socioculturais russos que envolvem e permeiam o texto gogoliano, a partir da perspectiva de Berman (1983). O resultado dessa primeira etapa do estudo foi a compreensão da presença de um sistema literário russo, que não está associado propriamente ao conceito de época, mas antes a uma significação hierárquica de uma época. Daí a importância dada à *Avenida Niévski*, que constitui um *conjunto de significação* dentro da sociedade russa, isto é, um rico material simbólico convencionalizado socialmente.

Dado que contribuiu para a constatação que a obra gogoliana em destaque é russa por essência, não porque retrata um *locus* russo, mas, sim, porque se encontra inserida na trama dos discursos e textos ali presentes. Fato esse que não contradiz a qualidade literária desse texto, mas, antes, confirma seu empenho e arte por meio da sua distinção entre as outras fontes e referências concomitantes no mesmo período e outras que o sucederam.

Considerando esses arredores discursivos da obra, buscou-se, então, os elementos intrínsecos na estrutura narrativa de *A Avenida Niévski* que asseverassem esse sistema literário e corroborasse com a afirmação dos índices de autoria de um estilo russo de ser, que, complementarmente, são traços de identidade de Gógol e rastros discursivos de seu tempo-espço. Para tanto, utilizando-se dos pressupostos de Possenti (2002), realizou-se a análise de quatro índices de autoria em um trecho da obra em questão. O resultado foi que o autor russo constituiu e legitimou, de maneira eficiente e consistente, sua autoria na obra analisada. Além disso, depreendeu-se que essa autoria dialoga com os discursos daquela sociedade – como se verificou na manifestação do índice (c) –, confirmando, assim, os traços de um estilo russo de ser, o qual é construído por um modo peculiar de dizer – estratégias manifestadas nos índices (a), (b) e (d).

Por fim, conclui-se que, embora o foco desse estudo não fosse realizar um exame exaustivo dos elementos estilísticos do autor russo em questão, a análise efetuada pôde, por meio de um olhar analítico, “identificar a recorrência do que é dito, circunscrita a um fato formal, que supõe a constância de uma estrutura” (DISCINI, 2009, p. 7)⁷. Análise essa que contribuiu para elucidar alguns pontos da estilística de Gógol e demonstrar que, diferentemente do proposto por Buffon, o estilo não é *um homem* simplesmente, mas pelo menos *três unidades significantes e de significação*: seja o autor, a obra e o sistema literário; seja o autor, a obra e o leitor. Salientando-se, ainda, que o sistema literário circunda e perpassa tanto o autor, quanto a obra e que o leitor lê, simultaneamente, o autor, a obra e o sistema literário.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BERMAN, Marshall. Petersburg: O modernismo do Subdesenvolvimento. In: _____. **Tudo que é sólido desmancha no ar: A aventura da modernidade**. Trad. Carlos Felipe Moisés e Ana Maria L. Ioriatti. São Paulo: Companhia das Letras, 1983.
- BRADBURY, M. **O mundo moderno**. Dez grandes escritores. Tradução de Paulo Henriques Britto. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

⁷ A *estrutura* encontrada foi a confirmação de um sistema sincrônico literário e a *recorrência* foram as reiterações das estratégias gogolianas apreendidas no estudo dos quatro índices de autoria (*fato formal*), que, como dito, se estendem para todo o restante do conto e da obra do autor.

- CAVALIERE, A. **Teatro russo**: percurso para um estudo da paródia e do grotesco. São Paulo: Humanitas, 2009
- DISCINI, N. **O estilo nos textos**: Histórias em quadrinhos, mídia, literatura. 2 ed. 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2009.
- DOSTOIEVSKI, F. M. **Memórias do Subsolo**. Tradução de Boris Schnaiderman. São Paulo: Editora 34, 2000.
- EIKHENBAUM, B. et alii (Orgs.). **Teoria da Literatura** – Formalistas Russos. Trad. Ana Maria Ribeiro Filipouski et al. Porto Alegre: Globo, 1978. P.227-244.
- GÓGOL, N. **A avenida Niévski**. Trad. Arlete Orlando Cavaliere. São Paulo: Escrita, 1981.
- NABOKOV, V. **Curso de literatura russa**. Barcelona; Madrid; Buenos Aires; México D.F.; Santiago do Chile: Zeta Bolsillo, 2009.
- POSSENTI, S. Índícios de autoria. **Perspectiva**. Florianópolis, v. 20, n.1, p.105-124, jan./jun. 2002. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/10411/9677>> Acesso em: 23/06/2012.
- SECKLER, K. L. A Avenida Niévski em memórias do subsolo, de Dostoievski: a rua como palco das contradições da modernidade. **Cadernos do IL**, Porto Alegre, n.º 37, p. 1-15, dez. 2008.
- VOGÜÉ, M. de. **Le roman russe**. 2. ed. Paris: Plon-Nourrit. 1888.